

De balde e vassoura na mão: os sentidos que mulheres serventes de limpeza atribuem aos seus trabalhos

Maria Fernanda Diogo

Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do Departamento de Psicologia da UFSC.

End.: Rua das Araras, 61, Cidade Universitária Pedra Branca. Palhoça, SC. CEP: 88137-177.

E-mail: mafediogo@bol.com.br

Kátia Maheirie

Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC.

End.: Rua Rita Lourenço da Silveira, 325, Lagoa da Conceição. Florianópolis, SC. CEP: 88062-060.

E-mail: maheirie@cfh.ufsc.br

Resumo

Buscamos nesta pesquisa a compreensão dos sentidos do trabalho para mulheres que exercem funções de limpeza e conservação em uma empresa prestadora de serviços na Grande Florianópolis/

SC. Baseamo-nos numa leitura histórico-dialética, entendendo o sujeito como um ser social, histórico, constituído e constituinte do seu contexto. Realizamos uma pesquisa de campo de metodologia qualitativa, na forma de estudo de caso. As entrevistas buscaram captar o movimento destas mulheres nos processos de escolha da profissão de limpeza e conservação, os sentidos atribuídos a este trabalho, bem como quais os projetos por elas engendrados. Para a análise, utilizamos o método progressivo-regressivo, baseado na teoria sartreana, destacando a objetivação das subjetividades. A análise demonstrou que o trabalho é importante e central na vida das entrevistadas, mas algumas características das relações estabelecidas em seu bojo o tornam fonte de insatisfação e sofrimento psíquico. Os sentidos atribuídos ao trabalho de limpeza e conservação são múltiplos e, freqüentemente, apresentam-se de forma ambivalente, mas destacaram-se nas entrevistas aspectos depreciativos e desvalorizantes, sendo este trabalho descrito como cansativo, mal remunerado e socialmente não-reconhecido. Desta forma, esta profissão foi narrada como pouco atrativa e a mudança de emprego permanece na dependência de surgir outra possibilidade de inserção profissional. Além do trabalho remunerado, as entrevistadas também realizam serviços de limpeza e conservação no âmbito doméstico, gerando sobrecarga e cansaço. O serviço doméstico foi sentido como “fatalidade” – consequência do fato de “ser mulher”, repetitivo, interminável e, sobretudo, “heróico” – valorizando a dignidade da submissão e abnegação daquela que o exerce. Este discurso reproduz os lugares sociais de homens e mulheres numa rede de sentidos que permeia tanto a família como a sociedade em geral.

Palavras-chave: constituição do sujeito, trabalho, gênero, sentidos do trabalho, sofrimento psíquico.

Abstract

This paper has tried to understand the meaning of labor for women who work with cleaning and conservation for service providers in the great Florianopolis area. This is based in the historic-dialectic perspective, understanding the subject as social, historical, constituted and constituency in a context in which one is inserted. A field research was done in qualitative methodology, in a case-study

format. The interviews tried to find the movement of these women in the choice processes of cleaning and conservation profession, the feelings attributed to this job as well as which projects they have produced. The method of analysis was progressive-regressive, based on Sartre's theoretic, trying to highlight the objectivity of subjectivity. The analysis has shown that this job is important and central to these women's lives, but some characteristics of the established relation turn it into a source of dissatisfaction and psychic suffering. The meanings attributed to the work with cleaning and conservation are multiple and often presented in an ambivalent way, but depreciative and devalued aspects are highlighted, described many times as tiring, badly paid, and socially unrecognized. This profession was felt as of little attraction and the job change happens as soon as another work segment possibility appears. Besides the paid work, the interviewed women also accomplish services of cleaning and conservation in the domestic extent, causing overload and fatigue. The house work was felt as a "fatality" – a consequence of "being a woman", repetitive, tiring, unending and above all "heroic" – valuing the dignity of the submission and of the self-denial of the woman. This speech reproduces the men's and women's social places in a net of senses that permeates the family and the society.

Key words: constitution of the subject, work, gender, meaning of labor, psychic suffering.

1. Introdução

Este artigo propõe-se a divulgar as considerações tecidas na dissertação de mestrado (Diogo, 2005), na qual buscamos compreender os sentidos atribuídos aos trabalhos de limpeza e conservação (LC) para mulheres que realizavam funções de serventes de limpeza. Utilizamos-nos de uma leitura histórico-dialética para a compreensão do modo como os sujeitos se constituem. Nesta perspectiva, as pessoas são tomadas como tendo seu desenvolvimento real sustentado por determinadas condições materiais. "As nossas premissas são os indivíduos reais, a sua acção e as suas condições materiais de existência, quer se trate daquelas que encontrou já elaboradas aquando do seu aparecimento, quer das que ele próprio criou" (Marx & Engels, 1845/46/1981, p. 18).

O ser humano se constitui em relação à natureza¹, assim sua subjetividade torna-se parte desta, numa relação de unidade. Todo sujeito é formado a partir da objetividade, mediado pela subjetividade, sendo assim não pode ser considerado puro objeto, tampouco sujeito absoluto. “Neste sentido, subjetividade é a dimensão que dialetiza a opacidade, fazendo com que o sujeito se relacione com a objetividade produzindo sentidos” (Maheirie, 2003, p. 153).

Nosso objeto de estudo desenhou-se na articulação das categorias trabalho e gênero, compreendidas pelo olhar da perspectiva histórico-dialética. Trabalho é a atividade que define o indivíduo como ser humano social. Este sempre afeta de algum modo a subjetividade do/a trabalhador/a, transcendendo a atividade realizada, inscrevendo-se no corpo e na percepção de mundo daquele/a que o/a executa. As dinâmicas estabelecidas nas situações de trabalho conduzem ora ao prazer, ora à dor, podem gerar desde sentimentos de satisfação até sofrimento ético-político² (Sawaia, 2001), sendo, desta forma, imprescindível articular suas dimensões objetivas e subjetivas³.

Ao estudarmos o trabalho de mulheres, faz-se importante articular a categoria trabalho aos estudos de gênero, ampliando e reformulando o conceito força de trabalho em outras bases. Percebemos que a mão-de-obra feminina tem algumas peculiaridades que a colocam em franca desvantagem em relação à masculina: ainda se observa acentuada desigualdade salarial entre os sexos, segregação ocupacional, desvalorização cultural, dupla jornada de trabalho, taxas de desemprego proporcionalmente maiores, discriminações quanto aos direitos sociais, discriminações horizontais e verticais no mercado de trabalho e aumento da presença feminina em ocupações precárias (Diogo & Coutinho, 2006). A inserção das mulheres no mercado, principalmente aquelas oriundas das camadas populares, é uma questão multifacetada que merece aprofundamento.

Problematizar as condições da existência social das mulheres, sua constituição enquanto gênero feminino e sua posterior transformação em operárias [e trabalhadoras em geral] significa deixar de conceber e apreciar, como naturais, fenômenos sociais e humanos forjados na histó-

ria e na concretude das condições materiais e simbólicas da ordem social (Fonseca, 2000, p. 17).

Numa sociedade pautada em padrões utilitários e valorativos, como acontece na maioria das sociedades contemporâneas, o modo como o sujeito se insere no modelo vigente repercute na sua vida, tanto no trabalho como fora deste, e pode vir a representar experiências de sofrimento psíquico. Conforme aponta Jacques (1996, p. 24-25), “alguns espaços de trabalho e/ou categorias profissionais, pelas suas especificidades próprias, em geral associadas a prestígio ou desprestígio social, proporcionam atributos de qualificação e/ou desqualificação do eu”. As trabalhadoras do setor de LC pertencem a uma categoria socialmente desprestigiada, ocupacionalmente desqualificada e, muitas vezes, as pessoas que realizam este tipo de trabalho são vistas com certo desdém social⁴. Isso pode repercutir no modo como elas subjetivam o mundo, nos sentidos que atribuem às coisas, às pessoas e às situações a sua volta e na imagem que têm de si mesmas.

Diante dos pressupostos expostos nesta introdução, buscamos a compreensão dos sentidos do trabalho de LC para mulheres que exercem suas atividades em uma empresa prestadora de serviços. Contudo, também nos deparamos, nesta pesquisa, com os sentidos atribuídos a um outro trabalho realizado no cotidiano das entrevistadas: o doméstico.

Os padrões de socialização e a própria organização da sociedade separaram a vida pública da privada e distribuíram de forma desigual as responsabilidades domésticas. Desta forma, pesquisas que têm como foco o trabalho feminino também devem considerar que as mulheres realizam grande quantidade de trabalho **não pago**, incluindo os afazeres domésticos e o cuidado com a prole, independente da camada social na qual estão inseridas (Ludermir, 2000). O crescimento da força de trabalho feminina, no Brasil, aponta para uma importante mudança de perfil: até os anos 70, as mulheres que disputavam colocações no mercado de trabalho eram majoritariamente jovens, solteiras e sem filhos; hoje elas são mais velhas, casadas e com filhos (Yannoulas, 2002)⁵. Este dado enfatiza a importância de considerarmos o trabalho doméstico ao estudarmos a inserção feminina no setor produtivo,

principalmente quando produção e reprodução representam trabalhos muito semelhantes, como no caso da LC.

2. O caminho percorrido

2.1. A empresa e as entrevistadas

Realizamos uma pesquisa de campo de metodologia qualitativa, na forma de estudo de caso. A pesquisa teve como sujeitos seis trabalhadoras assalariadas do setor de LC que trabalhavam para a Alfa⁶. A Alfa é uma empresa especializada na prestação de serviços de LC, serviços especiais (telefonía, recepção, portaria etc.) e vigilância. Todos os funcionários possuem registro na CTPS, não há outra forma de contratação. Todas as entrevistadas prestavam serviços para uma instituição de ensino localizada na Região Metropolitana de Florianópolis/SC. Esta é um dos maiores clientes da Alfa, contratando 330 funcionários à época de nossa coleta de dados.

Utilizamos-nos de entrevistas individuais semi-estruturadas para a coleta de dados. As entrevistadas foram escolhidas aleatoriamente entre as funcionárias da Alfa. Mariana foi uma das mulheres entrevistadas. Ela tem cinqüenta e um anos, é casada, mãe de três filhos, e seu marido é jardineiro autônomo. Ela cursou até a quinta série do ensino fundamental. Trabalha neste cliente como prestadora de serviços há onze anos. Joana tem quarenta e dois anos, é divorciada e mãe de cinco filhos. Ela parou de estudar no primeiro ano do ensino médio, porém, em 2003, decidiu investir em um Curso de Formação de Vigilantes, mas não conseguiu emprego nesta área. Joana trabalha neste cliente há dois anos e meio, porém possui dez anos de experiência em LC, tendo passado por outras empresas. Laura tem trinta e cinco anos, é casada, mãe de uma menina de sete anos, e seu marido trabalha em um órgão público. Ela concluiu o supletivo do ensino médio em 2003, disse pretender fazer um curso pré-vestibular e tentar entrar na faculdade. Laura está há doze anos trabalhando neste cliente. Rosa tem trinta e nove anos, é viúva e mãe de dois filhos. Ela estudou até a quarta série do ensino fundamental. Sempre trabalhou como empregada doméstica, sendo esta sua primeira experiência em uma empresa. Está na Alfa há cinco meses. Lúcia tem vinte e quatro

anos, é casada e tem dois filhos. Seu marido é instalador de piscinas autônomo. Ela realizou vários trabalhos como doméstica e faxineira, esta também é a sua primeira experiência em uma empresa. Está na Alfa há dois meses. Ana tem quarenta e nove anos, é separada do marido e mora com seus três filhos. Ela presta serviços neste cliente há onze anos. Ana está cursando supletivo no período noturno e pretende, depois de concluído o ensino médio, prestar vestibular.

2.2. O método de análise dos dados

A análise dos dados foi baseada no método progressivo-regressivo (Sartre, 1960/1987). Este método vem ao encontro da lógica que orienta o processo de investigação desta pesquisa por ser dialético e buscar a compreensão do sujeito numa perspectiva histórica, tentando explicar o ato pela sua significação, a partir de determinadas condições objetivas, utilizando-se, para tanto, de um movimento que vai da singularidade à universalidade, retornando ao ponto de partida e envolvendo as dimensões do passado, presente e futuro (Maheirie, 1994). Nesta perspectiva, para apreender o sentido de uma conduta, é preciso dispor de **compreensão**. “O movimento da compreensão é simultaneamente progressivo (em direção ao resultado objetivo) e regressivo (remonto em direção à condição original)” (Sartre, 1960/1987, p. 178-179).

A discussão dos resultados obtidos na análise das entrevistas, apresentada na seqüência, foi dividida em dois momentos: a) os sentidos atribuídos aos trabalhos de LC na esfera produtiva; b) os sentidos atribuídos aos trabalhos de LC na esfera reprodutiva. Assim, na primeira parte, iniciamos buscando a compreensão dos sentidos subjacentes à gênese da escolha da profissão de LC, ou seja, debruçamo-nos sobre as lembranças passadas das nossas entrevistadas. Em seguida, nosso olhar voltou-se para o presente e empenhamo-nos na análise dos sentidos emergentes nas suas vivências cotidianas. Enfim, analisamos os projetos e as perspectivas de futuro narradas em seus discursos. Na segunda parte, embora este não fosse o objetivo central de nossa pesquisa, a literatura aponta - e as entrevistas confirmaram - que as mulheres são as principais responsáveis pelo serviço doméstico, desta forma, buscamos também a compreensão dos sentidos

atribuídos pelas entrevistadas à esfera reprodutiva, principalmente porque ambos os trabalhos – remunerado e doméstico – são muito semelhantes.

3. As categorias analisadas

3.1. Os sentidos atribuídos aos trabalhos de LC na esfera produtiva

Os principais sentidos que estão na gênese da escolha desta profissão estão relacionados à **necessidade e baixa escolaridade**. Em seus discursos, as entrevistadas narraram que o ingresso nesta área esteve predominantemente vinculado à “falta de opção”: elas precisavam de dinheiro para ajudar no sustento das suas famílias e a baixa escolaridade implicou em limitações às suas possibilidades de escolhas.

Tudo com estudo é tudo melhor, né... Até pro trabalho, tu pega uma coisinha melhor, né. Que limpeza é um serviço pesado, cansativo. E às vezes as pessoas não dão nem valor pro teu serviço (Rosa).

Eu me sentia trabalhando, assim, de obrigação mesmo, que eu precisava mesmo trabalhar naquilo ali, que era o único serviço... O dinheiro (Laura).

Mesmo considerando o trabalho de LC “pesado e cansativo”, Rosa e Lúcia sentiram como uma “conquista” o ingresso numa empresa. Ambas tinham realizado anteriormente serviços de doméstica e faxineira e narraram que estes eram fisicamente mais cansativos, mais complexos (com maior quantidade de tarefas) e sem os mesmos direitos trabalhistas encontrados nas empresas.

[O trabalho em uma empresa] é bem diferente. Aqui não precisa lavar, passar, cozinhar, né. Eu chego e sei que é aquilo ali e pronto. De doméstica tu nunca termina, é isso, é aquilo. (...) É muito cansativo. (...) E tu tem mais direito, né. Tu pode ficar dez, doze anos numa casa que quando tu sai, tu não tem direito ... tem direito a férias, décimo terceiro e só. Fundo de garantia não pagam, né. Seguro desemprego não pagam (Rosa).

Os sentidos que estão na gênese desta escolha repercutem naqueles atribuídos ao trabalho cotidiano. Dentre estes sentidos, iniciamos destacando que este tipo de trabalho foi considerado de “fácil realização”, muito semelhante ao serviço doméstico que elas dominam através de anos de treinamento informal, mas vivido de uma forma naturalizada.

Acho que a gente já nasce já limpando, já nasce já aprendendo, já nasce já sabendo limpar alguma coisa, uma casa. (...). Então a gente aprende em casa a fazer o serviço (Joana).

O pertencimento a uma comunidade foi outro sentido associado ao trabalho na Alfa. Segundo Sawaia (1999), a comunidade pode propiciar idéias de solidariedade e reciprocidade quando sustentada por um movimento unificador das diferenças, atuando na convivência, na comunicação e propiciando existência social e individual às pessoas, pois reconhecer o outro levaria ao reconhecimento de si próprio. A mediação dos colegas torna o local de trabalho mais afetivo, acolhedor e permite o compartilhamento de vivências, sonhos e problemas do dia-a-dia.

O nosso pessoal é um pessoal muito bom pra trabalhar. Que a gente se sente bem, ali é nossa casa. [...] A gente chega, ali a nossa casa é ali, o nosso serviço, ali é tudo como irmã, né, somos tudo unidos (Mariana).

Contudo, as significações não são imutáveis: elas se transformam através das mediações que o sujeito vivência (Maheirie, 1994). Os mesmos colegas que tornam o trabalho mais agradável também são fonte de tristeza quando fazem intrigas, fofocas e confusões. A plasticidade e ambivalência encontrada nas relações humanas também podem ser observadas nas significações atribuídas a estas relações.

Se for pra limpar, vamo pegar, vamo limpar, vamo brincar, vamo rir. Isso aí que eu acho bom. Agora negócio de fofoca, essas coisas assim, eu não gosto (Joana).

Quanto questionadas sobre a importância relativa ao trabalho de LC, somente Joana e Laura perceberam sua importância

intrínseca, ou seja, citaram seu **valor social**, enfatizando o aspecto **econômico** (geração de mais-valia), o **estratégico** (representar a empresa perante o cliente) e/ou o **social** (ser trabalho útil, usufruído pelos clientes).

Que ninguém, como eu disse pra ti, ninguém vive no meio da sujeira. É obrigado a limpar. [...] O serviço é uma coisa, assim, importante, tu tem que deixar uma coisa limpa pra ser bem vista, entendeu? Pras pessoas, assim, admirar... “Olha, o setor dela é de se admirar” (Laura).

As demais entrevistadas não o consideraram importante por ser um serviço não-qualificado, feito por “qualquer um”, ou o conceberam importante no negativo, ou seja, narraram que seu trabalho só tinha valor na medida em que elas realizavam suas atividades conforme as orientações e não causavam problemas para a Alfa. O trabalho de cada indivíduo ou grupo é sempre trabalho social (Marx, 1867/1998), pois contribui para satisfazer as diversas necessidades humanas. Ao não considerar este aspecto, Ana, Lúcia, Mariana e Rosa perderam um importante sentido do trabalho, ficando o/a trabalhador/a subsumido/a ou anulado/a e restando somente a função por ele/a exercida.

Acho que não é muito [importante] não. Eles não valoriza muito, não. [Por quê?] Ah, porque se não tá bem como eu faço... Tem milhares que pode pegar a minha vaga. O meu... Aí a gente tem que fazer de tudo pra fazer tudo certinho, né. Porque se não tá bom uma coisa, eles pede de novo, porque tem muitos que quer (Lúcia).

Um sentido atribuído ao trabalho de LC constante nas narrativas foi o de desvalorização, associada à baixa remuneração da categoria; ao trabalho fisicamente desgastante; à sobrecarga; à falta de reconhecimento; e/ou ao tratamento por vezes humilhante dado às serventes de limpeza. Vejamos com mais detalhes:

Um dos principais sentidos coletivamente compartilhados atribuídos ao trabalho é este ser o meio que provê a sobrevivência. Nas sociedades capitalistas a imensa maioria das pessoas subsiste da venda da força de trabalho. A remuneração que o trabalhador recebe é fruto das relações sociais (Marx, 1867/1998). No caso dos

serviços de LC, há abundante oferta de mão-de-obra, geralmente esta possui baixa escolaridade e qualificação e este serviço é menosprezado socialmente, refletindo em baixos salários.

Ah, o dia... O dia que eu recebo o pagamento fico triste [risos]. [Porque?] Ah, é pouco, né. A gente tem tanta coisa pra pagar, né. Aí a gente fica pensando assim, né, depois chega, no mês que vem tem mais um pouquinho (...). A gente diz que recebe o contracheque, que é o contracheque, né (Mariana).

Sarti (1996) destaca que o grande valor do trabalho para as pessoas das camadas populares está associado à viabilização da vida familiar: o sentido que o trabalhador/a confere ao seu trabalho vincula-se às suas atribuições familiares. Esta é a ambivalência dos sentidos atribuídos ao salário presente nas entrevistas: apesar de ser considerado baixo, o emprego amparado pela legislação trabalhista (de “carteira assinada”) confere a segurança de um salário mensal (“no mês que vem tem mais um pouquinho”) e assume importância vital e estratégica na economia familiar.

Outro contorno da expressão de desvalorização presente nas narrativas relaciona-se à dificuldade do estabelecimento de uma **dinâmica de reconhecimento** (Dejours, 1999). Esta é relativa ao trabalho executado e deve ser instituída entre o/a trabalhador/a, a empresa e seus pares. O reconhecimento gera uma vivência de satisfação no indivíduo, equilibrando a relação prazer/desprazer, diminuindo a carga de sofrimento psíquico e mantendo a mobilização subjetiva do/a trabalhador/a pró-trabalho. No caso do trabalho de LC, o reconhecimento torna-se dificultado porque este é imaterial e invisível, isto é, só aparece no negativo, quando foi malfeito ou ainda não foi realizado (a sujeira possui materialidade), levando o sujeito a se tornar presente na **ineficiência de seu fazer**.

Além disso, devemos considerar um outro aspecto: aquele/a que executa serviços de LC, freqüentemente, sofre mecanismos sociais de reificação e subalternização, objetivados na ausência de reconhecimento e valorização. Costa (2002) denominou **invisibilidade pública** este tratamento objetivante, que só enxerga o resultado de uma função, abstraído o sujeito que a executa. Este sentimento está expresso na fala abaixo:

Tem professora que tu tá limpando e não tão nem aí. Os pais [dos alunos] chegam e mal olham pra ti, sabendo que tu tá limpando prum filhos deles (Rosa).

Algumas vezes esta desvalorização objetiva-se em palavras ou ações humilhantes dirigidas às serventes de limpeza. Segundo as entrevistadas, alguns funcionários/as ou alunos/as do cliente possuem a concepção que ser terceirizado/a e responsável pela limpeza é ser “inferior”, resultando em tratamentos assimétricos.

Pra certas pessoas daqui [do cliente], pra certas, não todas, nós botamos essa camisa [com o logotipo da empresa terceirizada] e eles não dão valor pra nós não, entendeu? [...] A guria pôs, assim, a cinza no chão. Eu falei pra ela: ‘Sabias que não pode fazer isso?’ ‘Ah, vocês tão aqui pra limpar’. ‘Nós tamo aqui pra limpar, sim, mas não pra limpar o que você tá fazendo’. [...] Como quem diz, olhou pra camisa, viu que nós era terceirizada, e queria dizer, né [estralou a língua e levantou os ombros]. [...] Nós não temos valor mesmo (Mariana).

O sentido de valorização do trabalho emergiu principalmente relacionado ao seu reconhecimento por parte dos encarregados e da supervisora da Alfa e, mais raramente, pelo pessoal do cliente que usufrui os serviços. Conservar a limpeza do local foi descrita como uma forma de os clientes conferirem valor ao trabalho.

Quando eu faço alguma coisa e [o encarregado] chega e diz que tá bom, que tá ótimo. Isso me deixa feliz, né. Porque aí eu vejo que tô fazendo certo, me deixa com segurança (Lúcia).

Apesar da fala citada acima, sob outra perspectiva, é interessante repararmos que o sentido de valorização do trabalho e os pontos positivos alinhavados nos discursos não estão diretamente relacionados à objetivação deste, ou seja, ao ato de limpar ou aos seus produtos. Podemos refletir que as tarefas que compõem este trabalho não propiciam perspectiva de aprendizado ou de crescimento profissional, nem permitem desenvolver um amplo leque de habilidades. Além disso, estas foram narradas como cíclicas, re-

petitivas e cansativas, tornando a profissão pouco atrativa. Isso se confirma quando questionamos as entrevistadas sobre seus projetos: somente uma delas narrou querer permanecer neste serviço, as demais verbalizaram desejos de mudar de área.

Segundo Sartre (1960/1987), projeto de ser é a busca de superação de uma situação objetiva; sua compreensão lança luzes sobre as perspectivas de futuro, a partir das condições objetivas do passado e, também, sobre o momento atual enfrentado pelo sujeito, apontando suas possibilidades e/ou impossibilidades.

Três entrevistadas descreveram o futuro enquanto **possibilidade**. Ana e Laura narraram acerca do desejo de conquistar uma “melhor” colocação no mercado de trabalho, por meio da retomada dos estudos via supletivo. O estudo reavivou nelas a **potência de ação**⁷ (Espinosa, 1988, apud Sawaia, 2001) delas buscarem transcender os limites da sua situação atual. Voltar a estudar superou seu aspecto de “ferramenta” na busca de um emprego considerado “melhor” e adquiriu um sentido positivo pela mediação do conhecimento, gerando outras vivências e reflexões.

Este ano mesmo a minha cabeça mudou totalmente, que tudo é uma seqüência na vida da gente, né. Você tem que partir do estudo também. Eu no momento, eu tô com planos mesmo de fazer o meu curso, né, pra fazer o vestibular, quem sabe um dia. Ou, se eu não conseguir, eu quero fazer informática. E a informática tá tão atualizada que aquilo ali é uma seqüência, tudo, né. Tu vai vendo a tua melhora do dia a dia (Laura).

Lúcia também disse querer seguir outra profissão: narrou que pretendia investir em um Curso de Corte e Costura, possibilitando o exercício de uma atividade considerada por ela menos cansativa, menos repetitiva, socialmente mais valorizada e que comporta materialidade, representada na roupa concluída, que pode ser vista, admirada, elogiada.

“Ah, seria diferente porque eu ia tá ... assim, fazendo uma coisa que pode servir pra outra [pessoa], assim, não limpar uma coisa que dali a pouco já tá tudo sujo de novo. Costureira faz, né, faz aquilo e não tem que fazer de novo, só tem que fazer outras [roupas].” (Lúcia)

Rosa e Joana vêem seu futuro como **impossibilidade**, em função da incapacidade de sonhar, não enxergando alternativas de objetivação do projeto. Se o agir torna-se infrutífero, pensar transforma-se em sofrer e passa a ser evitado, cristalizando a angústia e causando a paralisia do ser (Sawaia, 2001). Esta impossibilidade revela as condições objetivas vividas, definindo o projeto “[...] negativamente pela possibilidade que lhe é impossível” (Maheirie, 1994, p. 120).

Que a gente trabalha nesta área de limpeza, que a gente não estudou, não tem nem o que pensar, né. Eu acho que é isso e deu (Rosa).

Joana investiu em um Curso de Formação de Vigilantes, contudo não conseguiu emprego nesta área. Narrou ter sido discriminada pela sua idade e por ser mulher. As empresas geralmente escolhem os candidatos às vagas a partir de características socialmente reconhecidas para cada gênero. A profissão de vigilante é identificada com coragem, postura firme e força física, atributos estes não reconhecidos nas mulheres; estas associadas a tarefas que requeiram delicadeza, agilidade, paciência e perseverança. Esta é uma forma corrente de **segregação horizontal dos mercados baseada em gênero** (Yannoulas, 2002). Quanto à idade, dados do Dieese (2001) demonstram, que depois dos quarenta anos, há redução da participação das mulheres no mercado laboral, a exemplo do que acontece com os homens, muitos levados à inatividade pela aposentadoria.

Que no começo, quando eu fiz o meu curso de vigilante, eu fui numa empresa, fui noutra, fui noutra e todo mundo dizia ah, é difícil pra mulher, que não sei o quê, não sei o quê. Aí naquela empolgação, a gente já não fica mais. [...] Desisti, desisti. Não é, que eu não vou conseguir, né. Pra mulher, passou dos quarenta... Dos quarenta! Passou dos trinta a mulher já é velha. Eles tratam a gente como velha! Acho que não é só mulher, o homem também é mesma coisa. Tem sempre essa discriminação, né. [...] A única coisa que dá pra gente trabalhar é na limpeza. Principalmente mulher, né, que eles dão muito pouca vaga pra gente. Na limpeza tem mais, né (Joana).

Pode-se perceber, no relato de Joana, como se objetiva o sofrimento ético-político descrito por Sawaia (2001): a paralisia do ser humano frente à sua desvalorização social. Apesar de ter conseguido qualificação profissional, ela percebe que ser mulher e ter mais de quarenta anos são características que a desvalorizam na busca de uma colocação na área de vigilância. Ela não pode modificar estas condições e desiste de agir em prol de seus anseios e expectativas, conformando-se com sua situação atual. O sofrimento é a vivência que condensa os sentimentos de indignidade e desqualificação.

Só o projeto de ser Mariana compreendeu continuar trabalhando na Alfa. Ela solicitou aposentadoria, mas narrou ter feito um “trato” com a supervisora para voltar à ativa depois de aposentada. Além da questão econômica, o trabalho para ela possui o sentido positivo de propiciar contatos extradomésticos amistosos com os colegas.

Eu não quero ficar em casa, eu pedi pra [supervisora], eu vou pedir a aposentadoria, mas eu quero continuar trabalhando, depende de vocês (Mariana).

3.2. Os sentidos atribuídos aos trabalhos de LC na esfera reprodutiva

Todas as entrevistadas narraram que elas eram as responsáveis pelo serviço doméstico. Em alguns casos, há coadjuvantes, mas, em última análise, cabe a elas limpar, lavar, passar, cozinhar e gerenciar o bom andamento da vida familiar.

É eu e a minha filha [quem faz o serviço doméstico]. [...] [Então você e ela dividem o serviço da casa?] É, a gente divide. Mas mais é pra mim porque ela estuda e não quero sobrecarregar muito ela, que ela tem bastante trabalho (Rosa).

Os homens raramente participam destas atividades. Observamos nos discursos colhidos a subordinação da reprodução à produção e, conseqüentemente, a subordinação do feminino ao masculino. “A dupla jornada de trabalho das mulheres man-

têm-se praticamente inalterada, uma vez que, a despeito de seu trabalho extradoméstico, a divisão sexual do trabalho na família vem sendo perpetuada, sem que haja redistribuição de responsabilidades neste âmbito” (Siqueira, 2002, p. 26).

Só a minha filha [colabora com o serviço doméstico] [...]. Ela dobra roupa, às vezes ela enxuga a louça, assim pra aprender, né. [E o seu marido?] Não faz nada. Desse negócio ele não faz nada. Só trabalha fora. Só serve pra trabalhar fora, em casa ele não faz nada (Lúcia).

As relações de gênero são construções sociais, que representam os lugares que homens e mulheres ocupam em determinada sociedade (Scott, 1995). A “ajuda” das filhas mulheres às lides domésticas é incentivada pela organização familiar. Estas aprendizagens são constituidoras dos sujeitos, numa rede de sentidos que permeia tanto a família como a sociedade em geral. Neste discurso, a ideologia da maternidade e da domesticidade (Siqueira, 2002) mantém-se proeminente.

O trabalho doméstico é responsável pela produção de valores de uso para consumo dos membros da família, contribuindo para a reprodução da força de trabalho. Este não gera mercadorias e não produz mais-valia, assim não é considerado uma atividade econômica: é trabalho improdutivo (Marx, 1867/1998), não contribuindo para o excedente social. Esta seria uma das razões deste tipo de trabalho ser depreciado e estar sujeito a uma ínfima margem de divisão, cooperação ou especialização. Ilustrando esta concepção, a metodologia utilizada pelo IBGE desconsidera o trabalho doméstico, classificando-o como “inatividade econômica” (Bruschini, 2000).

Contudo, contrariando esta argumentação de base econômica, podemos apontar que o trabalho doméstico não pode ser distinguido pelos seus produtos, mas pelas suas relações de produção distintas daquelas da produção de valor, dado que seus produtos não são comercializáveis e não estão sujeitos à operação da lei do valor. Além disso, a força de trabalho só é capaz de se manter pelo próprio consumo de valores de uso, muitos dos quais são produzidos pelo trabalho doméstico.

Os relatos colhidos evidenciam que a dupla jornada de trabalho gera sobrecarga e cansaço, contudo esta foi encarada como “obrigação feminina”, quase uma “fatalidade”, conseqüência inextrável do fato de ser mulher.

Ah, é um trabalho cansativo, né. [...] Mas não tem outra opção, a gente que é mulher tem que se virar com a casa (Rosa).

Porque perde tempo... Olha cuidar da casa tudo certinho, tudo direitinho, se a pessoa ficar lá o dia todo, trabalhar, olha a gente tem serviço. [...] Essa parte toda a mulher é muito heroína. Em matéria de pensando bem, a mulher é bem heroína (Mariana).

Por trás deste “heroísmo”, reside uma herança cultural e familiar de **naturalização das funções femininas**. A responsabilidade assumida na exaustão das tarefas domésticas assume sentido moral: ser mãe e dona-de-casa significa desenvolver um padrão familiar baseado em valores como dedicação, doação, sacrifício e, também, dignidade e heroísmo. Aqui reside a positividade do trabalho doméstico, constituindo o substrato fundamental da identidade feminina e definindo “[...] um jeito de ser mulher sempre enredado em intermináveis lides domésticas, neste mundo social fortemente recortado pela diferenciação de gênero” (Sarti, 1996, p. 75).

A maioria das entrevistadas destacou a necessidade de organizar a grande quantidade de afazeres para não ocorrerem “falhas” e, além disso, reservar tempo para acompanhar os estudos e o desenvolvimento dos filhos. Elas narraram que não sobra muito tempo para o repouso e para o lazer, potencializando o cansaço do dia-a-dia.

Como vou dizer... Assim... Organização, me organizo. Aí tem dias que eu lavo mais roupa, tem dias que eu passo. Isso à noite, né. E... Procuo fazer também a janta a noite, pra deixar pronta pra eles [filhos]. [...] Não tenho muito tempo. Geralmente de fim de semana que eu faço a limpeza mais completa (Ana).

O trabalho doméstico assemelha-se em vários pontos ao trabalho realizado na Alfa: este também foi considerado cansativo, repetitivo e cíclico. Porém ficou mais fácil evidenciar aqui o sentido positivo dado à subjetividade objetivada no ato de limpar. Podemos refletir que produtos deste trabalho são usufruídos pelo núcleo familiar, desta forma foi mais fácil estabelecer uma relação afetiva entre o sujeito que limpa e aquele que desfruta do trabalho. Este sentido transcende o valor social do trabalho como uma atividade que atende às necessidades humanas, dando-lhe uma conotação estética e afetiva.

“Me sinto bem deixando a minha casa limpinha, ajeitadinha, né, sentido aquele cheiro de limpeza. (...) Acho que todo mundo se sente bem na sua casa, limpinha, cheirosa” (Laura).

4. Considerações finais

Considerando que todo sujeito é, ao mesmo tempo, constituído e constituinte do contexto no qual está inserido e que este processo é mediado pelos signos presentes em determinada sociedade, observam-se impressas em cada um as dimensões históricas, econômicas e sociais que caracterizam os signos culturais num dado momento. Assim, as mulheres entrevistadas representam, de alguma forma, aquelas que vivem situações semelhantes. Buscamos a compreensão de alguns sentidos possíveis do trabalho para estas mulheres, tendo em vista que a especificidade de uma existência apresenta-se enquanto particularidade num campo que é universal.

A análise buscou compreender os sentidos do trabalho nas falas dos sujeitos, conduzida pelo método progressivo-regressivo (Sartre, 1960/1987), abordando uma perspectiva **vertical**, contemplando a singularidade na intersecção com a coletividade, e **horizontal**, levando em consideração as dimensões temporais de passado, presente e futuro (Maheirie, 1994).

Os fatores necessidade e baixa escolaridade foram as motivações narradas para o ingresso nesta área, determinações estas relacionadas à privação, à carência e à falta. A escolha desta

profissão foi vinculada em alguns discursos à vergonha e a sentimentos inferiorizados do eu. No cotidiano do trabalho de LC, foram enfatizados sentimentos de desvalorização associados à baixa remuneração da categoria; ao trabalho repetitivo, cíclico e fisicamente desgastante; à dificuldade do estabelecimento de uma dinâmica de reconhecimento (Dejours, 1999) pelo trabalho executado; aos tratamentos humilhantes e inferiorizantes expressos em palavras e ações advindas do pessoal do cliente. A mudança de emprego foi um desejo manifesto na maioria dos discursos, ficando sua efetivação na dependência de surgir outra possibilidade de inserção profissional. Estes aspectos negativos são vivenciados na cotidianidade do trabalho, surgindo com grande intensidade e emotividade nos discursos das mulheres entrevistadas.

“O sofrimento é a dor mediada pelas injustiças sociais” (Sawaia, 2001, p. 102). Sofrer é estar submetido à fome, à opressão, à desvalorização, à falta de dignidade e é experimentado como **dor** por quem é tratado como inferior ou sem valor. É o indivíduo quem sofre, porém a gênese deste sofrimento está na intersubjetividade e nos processos de mediação social. O/a trabalhador/a clama por respeito e reconhecimento em contrapartida ao esforço que emprega em seu trabalho: esta é a dimensão positiva do trabalho, inscrita no significado moral atribuído a este, legitimando seu lugar na sociedade enquanto trabalhador/a (Sarti, 1996). Quando o respeito não é manifesto e o reconhecimento não ocorre, o sentido de ser trabalhador/a fica destituído, esvaziado, dando lugar à insatisfação, à dor e ao sofrimento ético-político (Sawaia, 2001).

Contudo, estas significações não são imutáveis: o trabalho na Alfa também demonstrou ser importante e central na vida das mulheres entrevistadas, refletindo a positividade do sentido de ser trabalhadora. Este proporciona a sobrevivência individual e familiar (algumas vezes esta é a única fonte de renda), segurança financeira doméstica oferecida pelo emprego amparado pela legislação trabalhista e importantes contatos sociais extradomésticos com os colegas de profissão.

As entrevistadas também realizavam serviços de LC no âmbito doméstico. Elas narraram que eram as responsáveis por este trabalho, sendo por vezes “ajudadas” pelas filhas mulheres, às

quais estas atividades são ensinadas desde a infância, ilustrando a reprodução dos lugares ocupados pelo masculino e feminino no seio familiar. Nos relatos colhidos, os filhos e maridos ou companheiros tiveram pouca participação nas lides domésticas. Estas atividades perpetuam-se como “responsabilidade feminina”, com pouca margem de divisão ou cooperação, causando evidente sobrecarga e cansaço.

O trabalho doméstico adquiriu nos discursos colhidos alguns sentidos semelhantes ao do trabalho remunerado e outros que lhe são peculiares: o sentido de “fatalidade” – consequência “natural” das relações de gênero vividas, e de “heroísmo” – valorizando a dignidade da submissão e da abnegação daquela que o exerce. Sem pôr em dúvida sua legitimidade, esta ideologia é repassada às futuras gerações de filhas, perpetuando destinos sociais biologicizados, essencializados e legitimadores de desigualdades e injustiças entre os gêneros.

Notas

1. Compreendemos a natureza e o social como resultantes de um processo histórico, que os origina e transforma – processo este em movimento constante. Há uma materialidade que antecede a existência humana, porém esta é transformada e deixa de ser natureza para se transformar em natureza significada e, portanto, cognoscível (Zanella, 2004).
2. Para Sawaia (2001), sofrimento ético-político abrange múltiplas afecções do corpo e da alma e mutila a vida de diferentes formas, reproduzindo a “...dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade” (p. 104). Indivíduos que sempre sofreram com a falta de amparo externo real e com a falta de recursos emocionais para agir acabam por adquirir nas relações cotidianas a certeza da impossibilidade de conquistar o objetivo desejado e desenvolvem a percepção de que pouco podem fazer para guiar suas vidas. Ocorre, então, a cristalização da angústia, que provoca um estado letárgico de apatia e um estado de tristeza passiva, transformando o mundo numa realidade afetivamente neutra.

3. Ainda que tenhamos em conta o debate sobre a perda da centralidade da categoria trabalho (Offe, 1984/1989, Habermas, 1976/1990), neste artigo, compartilha-se a concepção de autores (Antunes, 1999; Harvey, 2000) que reafirmam o papel do trabalho como uma categoria fundante do ser humano e de suas formas de sociabilidade.
4. Arendt (1958/1999) aponta que trabalhos que demandavam esforço físico eram vistos com desprezo desde a antiguidade, sendo realizados por escravos na Grécia antiga, não-cidadãos, pessoas que tinham seu valor estipulado como mercadoria.
5. Antigamente as jovens que ingressavam no mercado de trabalho o abandonavam após o casamento e o nascimento dos filhos. A tendência predominante, hoje em dia, é que as trabalhadoras permaneçam ocupadas durante sua idade reprodutiva e também após os quarenta anos, sendo esse dado um importante indicador da relevância pessoal e familiar da atividade profissional feminina (Dieese, 2001).
6. O nome da empresa prestadora de serviços e das entrevistadas é fictício.
7. Para Espinosa (1988, apud Sawaia, 2001), potência de ação está relacionada ao direito que cada indivíduo tem de se afirmar e de se expandir, cujo desenvolvimento é a condição para se atingir a liberdade. A potência de ação rompe com situações em que se coloca nas mãos dos outros as rédeas da própria vida, dado que qualquer possibilidade de transcendência é imanente do próprio sujeito.

Referências

- Antunes, R. (1999). *Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo.
- Arendt, A. (1999). *A condição humana* (R. Raposo, Trad.) (9a ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Originalmente publicado em 1958).
- Bruschini, C. (2000). Novas conquistas ou persistência da discriminação? In Rocha, I. (Org.), *Trabalho e gênero: Mudanças, permanências e desafios* (pp. 58-75). São Paulo: Editora 34.

- Costa, F. B. da. (2002). *Garis: Um estudo de psicologia sobre a invisibilidade pública*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade de São Paulo.
- Dejours, C. (1999). *Conferências brasileiras: Identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho*. São Paulo: Fundap/EAESP/FGV.
- Dieese. (2001). *A situação do trabalho no Brasil*. São Paulo: Autor.
- Diogo, M. F. (2005). *De balde e vassoura na mão: Os sentidos do trabalho para mulheres que exercem serviços de limpeza e conservação em uma empresa prestadora de serviços em Santa Catarina*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Diogo, M. F., & Coutinho, M. C. (2006). A dialética da inclusão/exclusão e o trabalho feminino. *Revista Interações*, 9 (21), 121-142.
- Fonseca, T. M. G. (2000). *Gênero, subjetividade e trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Habermas, J. (1990). *Para reconstrução do materialismo histórico* (C. N. Coutinho, Trad.) (2a ed.). São Paulo: Brasiliense. (Trabalho originalmente publicado em 1976).
- Harvey, D. (2000). *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural* (A. U. Sobral & M. S. Gonçalves, Trads., 4a ed.) São Paulo: Loyola. (Originalmente publicado em 1989).
- Jacques, M. G. C. (1996). Identidade e trabalho: Uma articulação indispensável. *Coletâneas da ANPEP*, 11 (1), 21-35.
- Ludermir, A. B. (2000). Inserção produtiva, gênero e saúde mental. *Cadernos de Saúde Pública*, 3 (16), 647-659.
- Maheirie, K. (1994). *Agenor do mundo: Um estudo psicossocial da identidade*. Florianópolis, SC: Letras Contemporâneas.
- Maheirie, K. (2002). Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. *Interações*, 13 (7), 31-44.
- Marx, K., & Engels, F. (1981). *A ideologia alemã* (C. Jardim & E. L. Nogueira, Trad., 4a ed.). Lisboa, Portugal: Presença. (Originalmente publicado em 1845/1846).

- Marx, K. (1998). *O capital: Crítica da economia política: Livro 1* (16a ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Originalmente publicado em 1867).
- Offe, C. (1989). *Trabalho e sociedade: Problemas estruturais e perspectivas para o futuro da “sociedade do trabalho”*. (G. F. Bayer, Trad.). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. (Originalmente publicado em 1984).
- Sarti, C. A. (1996). *A família como espelho: Estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Sartre, J. P. (1987). Questão de método. In *Os Pensadores*. (B. Prado Jr., Trad., 3a ed., pp. 109-191). São Paulo: Nova Cultural. (Originalmente publicado em 1960).
- Sawaia, B. B. (1999). Comunidade como ética e estética da existência: Uma reflexão mediada pelo conceito de identidade. *Revista Psykhe*, 1 (8), 19-25.
- Sawaia, B. B. (2001). O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In B. B. Sawaia (Org.), *As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social* (2a ed., pp. 97-118). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Scott, J. (1995). Gênero, uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, 2 (16), 5-22.
- Siqueira, M. J. T. (2002). Sobre o trabalho das mulheres: Contribuições segundo uma analítica de gênero. *Revista Psicologia, Organização e Trabalho*, 1 (2), 11-30.
- Yannoulas, S. C. (2002). *Dossiê: Políticas públicas e relações de gênero no mercado de trabalho*. Brasília, DF: CFEMEA/FIG/CIDA.
- Zanella, A. V. (2004). Atividade, significação e constituição do sujeito: Considerações à luz da psicologia histórico-cultural. *Psicologia em Estudo*, 1 (9), 127-135.

Recebido em 23 de novembro de 2006

Aceito em 23 de maio de 2007

Revisado em 9 de julho de 2007